

Marcus André – Casa Triângulo, São Paulo¹Ricardo Basbaum²

É importante tentar compreender o conjunto dos mais recentes trabalhos de Marcus André – e de todo artista – como produto da convergência de diversas preocupações e questionamentos. Cada obra evidencia o resultado de opções e escolhas que vão, pouco a pouco, tornando clara uma estratégia de ação e, em última análise, testemunham o deslocamento de um corpo pelo espaço.

Com muito mais do que competência técnica, é claro, Marcus André consegue articular a poética temática que o vem impulsionando (a aventura das Grandes Navegações através de oceanos desconhecidos, rumo a novas terras; a Escola de Sagres e suas inovações técnicas como astrolábios, bússolas, mapas) com sofisticados procedimentos gráficos e recursos pictóricos. Na realidade, uma verdadeira *experiência gráfica*, em sentido amplo – longe das discussões frequentemente acadêmicas que envolvem a prática da gravura como meio artístico – fundamenta esta pesquisa, situando-a frente aos meios produtores de imagens e a uma visualidade próprios de uma cultura fundada no mecanismo da reprodutibilidade técnica: este aprendizado faculta a realização de sínteses visuais a partir do mergulho em fontes de imagens, reelaborando-as e ressemantizando-as segundo as evidências de um outro código expressivo.

Mas isto não quer dizer “Citacionismo” – referências lineares a um contexto original de onde as imagens seriam tão somente recolhidas –: a tônica desta operação reside no fato do artista permitir-se um outro tipo de envolvimento com os “bancos de imagens” (em que distorção e deformação são testemunhos): de cunho vivencial – no sentido mesmo da percepção fenomenológica, corpórea, embora sem a inocência de sua pura enunciação destituída de mediações. Este programa de manipulação da imagem tem que resolver-se,

¹ A resenha foi publicada na Galeria Revista de Arte nº 20, 1990.

² Ricardo Basbaum é Professor Visitante da Universidade de Chicago (2013), Artista Residente da Audain Gallery (Vancouver, 2014), Professor do Departamento de Arte da Universidade Federal Fluminense e autor de Manual do artista-etc (Azougue, 2013). Participa regularmente de exposições e projetos desde 1981, dentre elas, *documenta 12* (2007), 35º Panorama da Arte Brasileira (Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2017), 20ª Bienal de Sydney (2016) e The School of Kiev - Bienal de Kiev (The House of Clothes, Kiev, 2015).



objetivamente, segundo as exigências formais do suporte bidimensional (paradigmático): em sua mistura de procedimentos de pintura, colagem e gravura, Marcus André preenche as superfícies planas com um fundo fluido que atravessa as figuras (sejam grandes emblemas quase centralizados ou pequenas imagens marcando pontuações narrativas) ou que, muitas vezes, suaviza suas inserções com regiões de transição (elas mesmas, configurando outras imagens, como ciclones, reflexos ou formas geométricas). Funciona também neste sentido o preenchimento do plano com folhas de catálogo telefônico, acrescentando à superfície um fundo gráfico (bidimensional por excelência) que emerge para o primeiro plano como um segundo tipo de mapa (com nomes e números, também a seu modo um indicador de espaço), atuando como contraponto de leitura.

Ao trabalhar uma poética pessoal construída ao nível da dimensão singular da imagem, Marcus André implode o espaço, reduzindo o tempo a uma temporalidade perceptiva – não mecânica, mas vivencial.

